

ANÁLISE DE INVESTIMENTO EM COTAS DE COOPERATIVA DE CRÉDITO COMO ESTRATÉGIA PARA FIDELIZAÇÃO DE CLIENTES

(ANALYSIS OF INVESTMENT IN SHARES OF COOPERATIVE CREDIT AS A STRATEGY FOR LOYALTY CLIENTS)

Julia Carolina Pereira Castro¹; Rodrigo Jussi Lopes²

¹ (G) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP
jucastrotr@hotmail.com

² (O) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro – SP
rodrigojussi@hotmail.com

Abstract: *The credit union is increasing in Brazil, contributes to socioeconomic development and strengthening regional, providing several benefits to the cooperative, one being the return on the share capital. Thus, the main objective of this work is to verify that the return on investment in shares of capital influences the retention and customer loyalty in Credit Unions. For this, we used a quantitative and qualitative approach, through a case study, using semi-structured interviews. It was concluded that the majority of members, despite knowing of the existence of the share capital and distribution of leftovers, do not know for sure its real income. Once you have identified such a return, it was observed that most of these have a greater interest in investing in the share capital.*

Keywords: *Cooperative, Cota-Capital, Return on Investment, Customer Loyalty.*

Resumo: O cooperativismo de crédito é crescente no Brasil, contribui para o desenvolvimento socioeconômico e o fortalecimento regional, proporcionando vários benefícios para o cooperado, sendo um deles o retorno sobre a cota capital. Desta forma, o principal objetivo deste trabalho é verificar como que o retorno do investimento em cotas de capital influencia na retenção e fidelização de clientes em Cooperativas de Crédito. Para tanto, utilizou-se uma abordagem quantitativa e qualitativa, mediante um estudo de caso, fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas. Concluiu-se que a maioria dos cooperados, apesar de saberem da existência da cota capital e da distribuição das sobras, não conhecem ao certo seu real rendimento. Uma vez identificado tal retorno, observou-se que grande parte destes teriam maior interesse em investir na cota capital.

Palavras-chave: Cooperativismo, Cota-Capital, Retorno do Investimento, Fidelização dos Clientes.

1 Introdução

O cooperativismo de crédito no Brasil teve sua origem em 1902, em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, inspirado no cooperativismo de crédito alemão. As associações eram chamadas Caixas Rurais Raiffesen e a pioneira foi criada pelo padre Amstad (NAVES, 2007). Consequentemente, esta evolução revela o processo da criação de uma cultura de cooperação no qual, comprometeu a união dos jesuítas no trabalho coletivo direcionado para doutrinação do povoado indígena.

Todas as Instituições ‘sem fins lucrativos’ têm algo em comum: são agentes de mudança humana. Seu ‘produto’ é um paciente curado, uma criança que aprende, um jovem que se transforma em adulto com respeito próprio; isto é, toda uma vida transformada (DRUCKER, 1994, p.14).

As Cooperativas de Crédito são entidades sem fins lucrativos e são consideradas Instituições Financeiras, constituídas sob forma de sociedade cooperativa, sustentadas pelos seus associados, que desempenham ao mesmo tempo o papel de donos e usuários. São eficientes para o fortalecimento da economia, integrantes do Sistema Financeiro Nacional e possuem o Banco Central como órgão normatizador e fiscalizador (MARCOLLA, 2013).

Cooperativas de Crédito são, em sentido amplo, associações que visam a eliminar o intermediário, obtendo para seus sócios, que são ao mesmo tempo sacadores e sacados, as vantagens do auxílio mútuo e de gestão direta. Dentre suas finalidades econômicas destacam-se a fomento ao crédito e a concessão de empréstimos aos sócios a juros baixos (PINHO, 1965, p.16).

O progresso das cooperativas está associado à geração de renda e empregos, no qual se tornam relevantes instrumentos de propagação tecnológica e de estabelecimento de políticas de desenvolvimento regional (CATTANI, 2003).

O capital social da Cooperativa é constituído com o dinheiro dos próprios associados, cada pessoa física ou jurídica ao ingressar, deve obrigatoriamente integralizar as cotas de capital. A razão em ser associado de uma cooperativa de crédito, pode ser assegurada pela rentabilidade significativa de sua cota capital (CASAROTTO FILHO et al., 2008).

A rentabilidade pode ser definida como a medida final do grau de êxito econômico obtido por uma empresa, em relação ao capital nela investido. Esse êxito econômico é determinado pela magnitude do lucro líquido contábil. Obter uma rentabilidade adequada a risco suportado por sócios ou acionistas, constitui o principal objetivo das empresas que operam em economias capitalistas. Afinal, o lucro constitui o elemento propulsor dos

investimentos de recursos em diferentes empreendimentos (PIMENTEL, 2008, p.3).

A fidelização de clientes é uma estratégia ou política de negócios que tem como finalidade garantir o lucro da empresa e assegurá-lo, a fim de desenvolver-se um relacionamento mútuo e satisfatório. Por isso, é importante fidelizar clientes para atender com maior nitidez e exatidão suas carências (ALMEIDA, 1995, p. 56).

Para que uma empresa seja bem sucedida na Era do Cliente, torna-se imprescindível um profundo conhecimento acerca do cliente. Para encantar o cliente não bastam só intenções e ações. É preciso agir, mas agir na direção correta. E para agir na direção correta é necessário conhecer as necessidades, gostos e expectativas dos clientes. Do contrário corremos o risco de desencantar o cliente, mesmo com toda boa-intenção (ALMEIDA, 1995, p.163).

Desta forma, devido à crescente participação das cooperativas de crédito no contexto atual, bem como da importância da satisfação e fidelização dos clientes, surge o seguinte questionamento: **Como que o retorno do investimento da cota capital influencia na fidelização dos clientes de uma Cooperativa de Crédito?**

Sendo assim, o presente artigo objetivou verificar como o retorno do investimento em cotas de capital influencia na retenção e fidelização de clientes em uma Cooperativa de Crédito. Para tanto, foi realizado um aprofundamento bibliográfico sobre os principais métodos e ferramentas para análise do retorno de investimento, aplicando tais métodos para análise do retorno da cota capital, bem como para com outros investimentos que, neste caso, foram a Poupança e o CDI. Por fim, com o retorno do investimento destas opções de investimentos já tabulados, verificou-se como estes influenciariam na fidelização dos clientes da cooperativa de crédito objeto de estudo.

2 Revisão Bibliográfica

2.1 Sistema Financeiro Nacional

Segundo Assaf Neto (2005), “o Sistema Financeiro é composto por um conjunto de Instituições Financeiras públicas e privadas, e seu órgão normativo máximo é o Conselho Monetário Nacional (CMN)”. Continua o autor que através do SFN, proporciona-se a forma entre os membros tomadores e poupadores de crédito, produzindo um alto grau de financiamento econômico. Os poupadores desejam auferir altas remunerações possíveis em relação aos seus depósitos, enquanto os tomadores esperam minimizar as taxas de juros sobre os empréstimos.

Segundo Fortuna (2002): “o mercado financeiro pode ser considerado como um elemento dinâmico no processo de crescimento econômico, uma vez que permite a elevação das taxas de poupança e investimento”.

As Instituições Financeiras são consideradas como bancárias e não bancárias. São classificadas bancárias as que admitem a concepção de moeda por intermédio do recebimento de depósitos à vista e representadas basicamente pelos Bancos Comerciais e Múltiplos; E não bancárias as que não estão legitimamente liberadas a receber depósitos à vista, inexistindo, conseqüentemente, a capacidade de criação de moeda e são constituídas praticamente por Cooperativas de Crédito, Sociedades Corretoras, Bancos de Investimento, Sociedades Financeiras, Sociedades de Arrendamento Mercantil, entre outras (ASSAF NETO, 2005).

2.2 Cooperativas de Crédito

Como citado anteriormente, as Cooperativas de Crédito existem como uma opção de inclusão financeira, visto que proporcionam crédito a baixo custo e de forma mais acessível que os bancos.

Cooperativas de crédito são instituições financeiras constituídas sob a forma de sociedade cooperativa, tendo por objeto a prestação de serviços financeiros aos associados, como concessão de crédito, captação de depósitos à vista e a prazo, cheques, prestação de serviços de cobrança, de custódia, de recebimentos e pagamentos por conta de terceiros sob convênio com instituições financeiras públicas e privadas se de correspondente no País, além de outras operações específicas e atribuições estabelecidas na legislação em vigor (PINHEIRO, 2006, p.7).

Conforme a lei nº 5.764/71, artigo 105 da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) a cooperativa é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, desempenha o papel de órgão máximo do cooperativismo federal, estes são:

- Conservar neutralidade política;
- Associar todas as seções das sociedades cooperativistas;
- Operar como órgão técnico – consultivo do governo;
- Manter cadastro de todas as sociedades cooperativas que, para todos os efeitos que integram a OCB;
- Sustentar serviços de assistência geral ao sistema cooperativista, seja quanto à estrutura social, seja quanto aos métodos operacionais e orientação jurídica, mediante pareceres e recomendações (SANTOS et al., 2008).

2.3 Ferramentas para análise do Retorno do Investimento

 **VPL**

Segundo Fernando (2010), o VPL é simplesmente o valor presente do projeto e o custo do projeto na data atual. VPL positivo significa que o projeto vale mais do que custa, ou seja, é lucrativo. VPL negativo significa que custa mais do que vale, ou seja, se for implementado dará prejuízo.

É o método de avaliação de investimento que consiste em obter o valor líquido dos fluxos de caixa trazidos a valor presente considerando-se uma taxa de desconto (KASSAI et al., 2000, p.253). Deste modo, reflete a riqueza em valores monetários do investimento, o qual estima a diferença entre o valor presente das entradas de caixa a uma determinada taxa de desconto (TMA).

É um método de avaliação das propostas de investimento de capital em que se encontra o valor presente dos fluxos de caixa futuros líquidos, descontados ao custo de capital da empresa ou à taxa de retorno exigida (WESTON e BRIGHAM, 2000, p.533). Segundo os autores, a fórmula é assim representada:

$$VPL = \sum_{t=0}^n \frac{CF_t}{(1+k)^t}$$

Fonte: Weston e Brigham (2000, p. 534)

✚ TIR

O método da taxa interna de retorno requer o cálculo da taxa que zera o valor presente dos fluxos de caixa das alternativas. Os investimentos com TIR maior que a TMA são considerados rentáveis e são passíveis de análise (CASAROTTO FILHO e KOPITTKKE, 2000, p.130).

É a taxa interna de retorno em inglês, *Interest Rate of Return* (IRR). Desta forma, indica em percentual, a taxa de retorno do investimento e representa uma taxa periódica e não uma taxa para todo projeto. O projeto é viável se a TIR for igual ou maior que a TMA (KASSAI et al., 2000, p.253).

É a taxa de desconto que leva o valor presente das entradas de caixa de um projeto a se igualar ao valor presente das saídas de caixa (WESTON e BRIGHAM, 2000, p.536).

Segundo Barreto et al. (2012), a fórmula é assim descrita:

$$TIR = \sum_{j=0}^n \frac{FC_j}{(1+i)^j} = 0$$

3 Metodologia

No desdobramento deste trabalho, utilizou-se a abordagem quantitativa, que é caracterizada pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas [...] (RICHARDSON, 1999).

De acordo com Oliveira (2002, p.115), “o método quantitativo significa quantificar opiniões, dados, nas formas de coleta de informações, assim como também com o emprego dos recursos e técnicas estatísticas”.

Outro método adotado foi o qualitativo, que segundo Richardson (1999) tal metodologia pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”.

“Na pesquisa qualitativa concebem - se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado” (BEUREN, 2012, p. 92).

A pesquisa fez uso também de um estudo de caso, que é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados (GIL, 1999, p.73).

Segundo BEUREN (2012, p. 84) “o estudo de caso caracteriza-se principalmente pelo estudo concentrado de um único caso”.

Conforme YIN (2002, p.21) “o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real [...]”.

No estudo utilizou-se ainda entrevistas semi-estruturadas, que segundo Beuren (2012, p.132) “permite maior interação e conhecimento das realidades dos informantes e é um dos principais instrumentos de coleta de dados que o pesquisador dispõe”.

Segundo Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada é a parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa.

3.1 Coleta de Dados

A coleta de dados findou-se através de dois processos:

1. Informações sobre Rendimento Cota Capital:

- Levantamento Bibliográfico sobre o assunto em questão;
- Levantamento junto a Instituição Financeira, objeto de estudo, das formas de remuneração da cota capital;

2. Informações sobre Retorno do Capital investido em Cota Capital e sua aderência à Fidelização dos Clientes:

- Desenvolvimento e apresentação da evolução do rendimento da cota capital;
- Utilização de Métodos de Análise do Retorno do Investimento sobre a evolução da cota capital;
- Aplicação de um Formulário Semi-Estruturado para a coleta de dados junto aos clientes, objetivando mensurar o Retorno da Cota Capital e a questão da fidelização do cliente.

4 Resultados

O estudo de caso foi realizado com os dados financeiros de uma Cooperativa de crédito rural, no qual possui 44 anos de história, 25 Postos de Atendimento e está entre as maiores Cooperativas de crédito da América Latina.

O valor das sobras a serem distribuídas, parte é através de crédito em conta corrente, parte por meio de crédito em conta capital.

Existem **quatro formas** de distribuição de sobras: Produto Conta Corrente, Produto Captação Remunerada, Produto Operações de Crédito e Produto Capital:

- Produto Conta Corrente: Cálculo de 60% do CDI exercício 2012, o que equivale a 4,94% sobre o saldo médio positivo em conta corrente no período, creditado 100% em conta corrente;
- Produto Captação Remunerada: Cálculo de 5% do CDI exercício 2012, o que equivale a 0,4% sobre o saldo médio positivo em aplicações no período, do valor, 50% serão creditados em conta corrente e 50% serão creditados em conta capital;
- Produto Operações de Crédito: Cálculo de 10% sobre os juros contabilizados sobre operações de crédito no exercício 2012 que serão creditados 100% em conta capital;
- Produto Capital: Cálculo de 50% da Selic do exercício 2012, o que equivale a 4,16% sobre o saldo médio em conta capital no período, creditado 100% em conta capital.

O trabalho foi elaborado com apenas duas formas de distribuição das sobras: **produto captação remunerada e produto capital.**

Os dados que serviram de base para as análises foram: investimento inicial de R\$100,00, no qual é o valor mínimo para a integralização de capital e R\$10.000,00 de saldo médio na aplicação financeira CDI.

➤ Produto Captação Remunerada

A Tabela 1 demonstra a evolução de uma aplicação tipo CDI, cujo investimento inicial foi R\$10.000,00, considerando um período de tempo de 5 anos e um rendimento

médio de 8,4% a.a., percentual este embasado no rendimento real de 2012 (PORTAL BRASIL, 2013).

Tabela 1: Evolução Rendimento CDI

Ano	0	1	2	3	4	5
Investimento R\$	10.000,00	10.840,00	11.750,56	12.737,61	13.807,57	14.967,40

Fonte: Próprio autor.

Após estabelecido o rendimento anual da aplicação CDI, estabeleceu-se o rateio do percentual destinado à cota capital, sendo neste caso, como já citado, na proporção de 0,4% sobre o saldo médio da aplicação anual. Vale ressaltar novamente que do total dos 0,4%, apenas 50% irá para a cota capital e, os outros 50% para a conta corrente.

Tabela 2: Valores creditados na cota capital

Ano	1	2	3	4	5
Valor creditado R\$	21,68	23,50	25,47	27,61	29,93

Fonte: Próprio autor.

➤ **Produto Capital**

A Tabela 4 demonstra a evolução da cota capital, cujo investimento inicial foi de R\$100,00, considerando um período de tempo de 5 anos e um rendimento realizado pelo cálculo de 50% da Selic do exercício 2012, o que equivale a 4,16% sobre o saldo médio em conta capital no período, creditado 100% em conta capital (Tabela 3).

Tabela 3: Valores creditados na cota capital

Ano	1	2	3	4	5
Valor creditado R\$	4,16	4,33	4,51	4,70	4,90

Fonte: Próprio autor.

Tabela 4: Evolução Rendimento Cota Capital

Ano	0	1	2	3	4	5
Investimento R\$	100,00	104,16	108,49	113,01	117,71	122,60

Fonte: Próprio autor.

Sendo assim, a tabela 5 demonstra os valores dos créditos e o saldo da cota capital durante 5 anos, utilizando as duas formas de distribuição das sobras:

Tabela 5: Demonstrativo da Evolução da Cota Capital

Ano	0	1	2	3	4	5
Créditos Captação Remunerada	-	21,68	23,50	25,47	27,61	29,93
Créditos Cota Capital	-	4,16	4,33	4,51	4,70	4,90
Total Créditos	-	25,84	27,83	29,98	32,31	34,83
Saldo Cota Capital	100,00	125,84	153,67	183,65	215,96	250,79

Fonte: Próprio autor.

A Tabela 7 demonstra a evolução da poupança, cujo investimento inicial foi de R\$100,00, considerando um período de tempo de 5 anos e um rendimento realizado por uma taxa média de 6,47% a.a., percentual este embasado no rendimento real de 2012 (UOL ECONOMIA, 2013). Os valores dos créditos podem ser visualizados na Tabela 6.

Tabela 6: Valores creditados na Poupança

Ano	1	2	3	4	5
Valor creditado R\$	6,47	6,89	7,33	7,81	8,31

Fonte: Próprio autor.

Tabela 7: Evolução da Poupança

Ano	0	1	2	3	4	5
Saldo	100,00	106,47	113,36	120,69	128,50	136,81

Fonte: Próprio autor.

A Tabela 9 demonstra a evolução do CDI, cujo investimento inicial foi de R\$100,00, considerando um período de tempo de 5 anos e um rendimento realizado por uma taxa média de 8,40% a.a., percentual este embasado no rendimento real de 2012 (PORTAL BRASIL, 2013). Os valores dos créditos são demonstrados na Tabela 8.

Tabela 8: Valores creditados CDI

Ano	1	2	3	4	5
Valor creditado R\$	8,40	9,10	9,87	10,70	11,60

Fonte: Próprio autor.

Tabela 9: Evolução CDI

Ano	0	1	2	3	4	5
Saldo	100,00	108,40	117,50	127,38	138,07	149,67

Fonte: Próprio autor.

Considerando as rentabilidades da Cota Capital, Certificado de Depósito Interbancário e a Caderneta de Poupança, os resultados obtidos (montante acumulado) são descritos na Tabela 10:

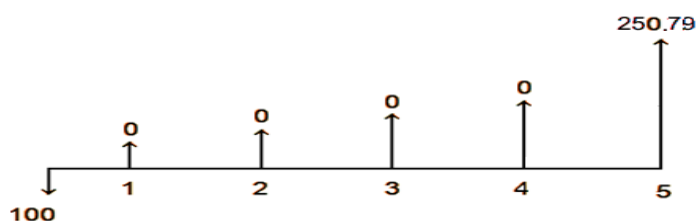
Tabela 10: Comparativo entre Investimentos

Cota Capital	CDI	Poupança
R\$250,79	R\$149,67	R\$136,81

Fonte: Próprio autor.

Observando os créditos em cada tipo de investimento, segue os resultados com as ferramentas de análise VPL (Valor Presente Líquido) e TIR (Taxa Interna de Retorno), utilizando uma TMA de 5,84% a.a., conforme a taxa da inflação de 2012 (G1 ECONOMIA, 2013):

- **Cota Capital**



100 CHS g CF₀

0 g CF_j

0 g CF_j

0 g CF_j

0 g CF_j

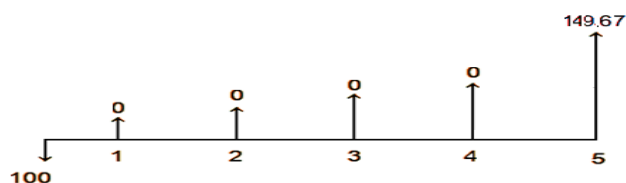
250,79 g CF_j

5,84 i

F NPV= 88,82

F IRR=20,19% a.a.

- **Certificado Depósito interbancário (CDI)**



100 CHS g CF₀

0 g CF₁

0 g CF₂

0 g CF₃

0 g CF₄

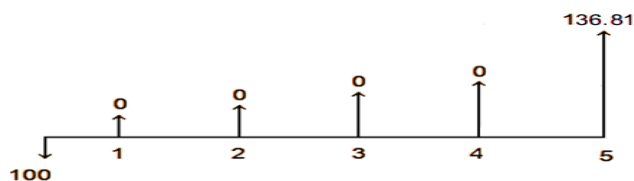
149,67gCF₅

5,84 i

F NPV=12,69

F IRR=8,40% a.a.

- **Poupança**



100 CHS g CF₀

0 g CF₁

0 g CF₂

0 g CF₃

0 g CF₄

136,81 g CF₅

5,84 i

F NPV=3,01

F IRR=6,47% a.a.

Estabelecido os cálculos, segue Tabela 11, que mostra em valores monetários e percentuais o rendimento de cada investimento em questão:

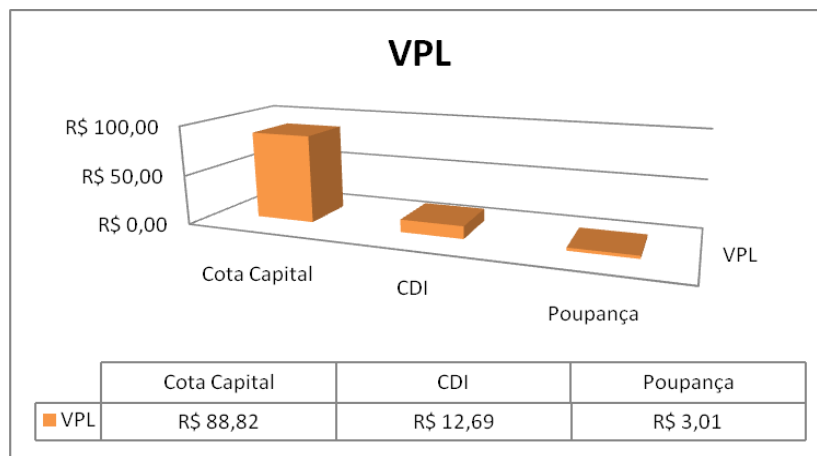
Tabela 11: Ferramentas VPL e TIR

Ferramentas	Cota Capital	CDI	Poupança
VPL	R\$88,82	R\$12,69	R\$3,01
TIR	20,19%	8,40%	6,47%

Fonte: Próprio autor.

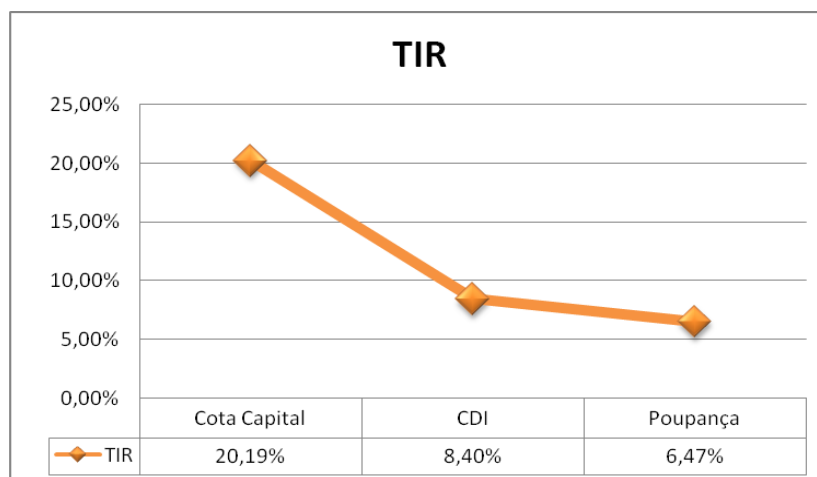
Os Gráficos 1 e 2 apresentam os dados obtidos com a aplicação das ferramentas em valores monetários e percentuais, respectivamente:

Gráfico 1: Retorno do Investimento – Método VPL



Fonte: Próprio autor.

Gráfico 2: Retorno do Investimento – Método TIR



Fonte: Próprio autor.

4.1 Análise dos dados

De acordo com os dados, pode-se observar que houve um retorno maior da cota capital em comparação com outros tipos de investimento do mercado financeiro.

Interrogado se os cooperados sabem qual é o rendimento de sua cota capital, 90% falaram que tem conhecimento em relação ao rendimento de sua cota capital e a distribuição das sobras no final do exercício. No entanto, tais cooperados não sabem ao certo o real rendimento da cota capital.

Questionado se foram informados no ato da abertura da conta corrente sobre o rendimento da cota capital e a distribuição das sobras, 15 cooperados disseram que sim e entenderam, enquanto os outros cinco falaram que sim, mas ficou com dúvidas.

Indagado se o rendimento da cota capital e a distribuição das sobras os influenciam a continuar utilizando os serviços financeiros da cooperativa, 95% responderam que sim e justificaram que a cooperativa oferece um atendimento personalizado e apresenta as menores taxas do mercado.

Perguntado qual o investimento mais rentável, sendo cota capital, CDI e poupança, 18 cooperados responderam que é a cota capital e apenas 2 disseram que é a poupança.

Informado que o rendimento mais rentável é a cota capital, foi questionado se os cooperados integralizariam o capital com maior frequência, 70% disseram que sim e outros 30% falaram que talvez.

Comunicado que as sobras são distribuídas para todos os associados na proporção de operações individuais, foi questionado se os cooperados movimentariam com maior frequência a conta corrente para obter um rendimento maior, 17 cooperados disseram que sim e 3 falaram que talvez.

Questionado o que motiva os associados a continuar utilizando os serviços financeiros da Cooperativa, todos responderam que são os seguintes aspectos: o rendimento da cota capital, a distribuição das sobras e as taxas menores do mercado.

5 Considerações Finais

O cooperativismo de crédito é crescente no Brasil e assegura o desenvolvimento socioeconômico contribuindo para o fortalecimento regional além de propiciar outros benefícios tais como: empréstimos e financiamentos com as taxas mais baratas do que o sistema bancário tradicional, isenção da manutenção de contas, cartão sem anuidade, dentre outros.

Ressalta-se que nesta pesquisa não foi considerada a liquidez do investimento, uma vez que as cotas de capital são passíveis de resgate exclusivamente no encerramento da conta corrente, ou a partir do 65º aniversário do cooperado, desde que não se coloque em risco a existência da cooperativa.

Conclui-se que o investimento na forma de cota capital oferece a melhor opção de rentabilidade se comparado com aplicações em CDI e Poupança, sendo este rendimento um componente significativo para retenção e fidelização de seus associados.

Por fim, pode-se concluir também que a grande maioria dos cooperados, apesar de saberem da existência da cota capital, não conhecem ao certo seu real rendimento e retorno. Uma vez identificado tal rendimento, observou-se que grande parte dos cooperados teria um maior interesse em investir na cota capital.

Referências

ALMEIDA, Sergio. **Cliente eu não vivo sem você: o que você não pode deixar de saber sobre qualidade em serviços e clientes**. Salvador, BA: Editora Casa da Qualidade, ed. 18ª, 1995.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. São Paulo: Atlas, 2005.

BARRETO, Ercielem de Lima; SILVA, Roberto Crislon da; VIEIRA, Vitor Hugo Galvão; PENA, Heriberto Wagner Amanajás. **Análise de Viabilidade Econômica: um estudo aplicado a estrutura de custo da cultura do açaí no Estado do Amazonas**. *En Observatorio de la Economía Latinoamericana*, n.º. 161, 2012. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/12/bsvp.html>>. Acesso em: 06 mai.2013.

BEUREN, I.M. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 2012.

CASAROTTO FILHO, Nelson; KOPITCKE, Bruno Hartmut. **Análise de Investimentos**. São Paulo: Editora Atlas, ed. 9ª, 2000.

CASAROTTO FILHO, Nelson; USUY, Eduardo Nobuyuki; GARCIA, Janaína Renata; MINUZZI, Josiane; BAIL, Viviane Schumacher. **Análise de Investimento em Cotas de Cooperativa de Crédito: um estudo de caso**. Universidade Federal de Santa Catarina: V encontro de Pesquisadores Latino-Americanos de Cooperativismo, 2008. Disponível em: http://www.fundace.org.br/cooperativismo/arquivos_pesquisa_ica_la_2008/10.002-casarottofilho.pdf

CATTANI, A.D. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

DRUKER, P.F. **Administração de organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas**. São Paulo: Pioneira, 1994.

FERNANDO, Ruth Manuela Bande. **Análise de Investimento – Uma ferramenta para o progresso.** Universidade Candido Mendes, Monografia Pós Graduação, 2010. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k213539.pdf>. Acesso em: 07 mai.2013.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado Financeiro – Produtos e Serviços.** Rio de Janeiro: Editora Qualitymark, ed. 15ª, 2002.

G1 ECONOMIA. **Inflação oficial fecha 2012 em 5,84%, aponta IBGE.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/01/inflacao-oficial-fecha-2012-em-584-aponta-ibge.html>>. Acesso em: 05 set. 2013.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

KASSAI, José Roberto; KASSAI, Sílvia; SANTOS, Ariovaldo dos; NETO, Alexandre Assaf. **Retorno de Investimento.** São Paulo: Editora Atlas, ed. 2ª, 2000.

MARCOLLA, C. **Cooperativismo: cooperativas de crédito, (2013).** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/cooperativismo-cooperativas-de-credito/69214/>>. Acesso em: 14 mar.2013.

NAVES, C.F.B. **A sustentabilidade financeira das cooperativas de crédito rural: um estudo de caso do Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade de São Paulo FEA Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PIMENTEL, R.C. **Dilema entre Liquidez e Rentabilidade: um Estudo Empírico em Empresas Brasileiras.** Rio de Janeiro: XXXII Encontro ANPAD, 2008.

PINHEIRO, M. A. H. **Cooperativas de Crédito-História da Evolução Normativa do Brasil.** Brasília: Banco Central do Brasil, 2006.

PINHO, D. B. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista.** São Paulo: Editora Pioneira, 1965.

PORTAL BRASIL. **Tabela CDI 2012.** Disponível em: <www.portalbrasil.net/indices_cdi.htm>. Acesso em: 18 jun.2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Ariovaldo dos; GOUVEIA, Fernando Henrique Câmara; VIEIRA, Patrícia dos Santos. **Contabilidade das sociedades cooperativas: aspectos gerais e prestação**

de contas. São Paulo: Atlas, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais : a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UOL ECONOMIA. **Rendimento da poupança em 2012 é o menor em 46 anos.** Disponível em:<<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/10/rendimento-da-poupanca-em-2012-e-o-menor-em-46-anos-diz-consultoria.htm>>. Acesso em: 21 ago.2013.

WESTON, J. FRED; BRIGHAM, Eugene F. **Fundamentos da administração financeira.** São Paulo: *Makron Books*, ed. 10^a, 2000.

YIN, Robert k. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, ed. 2^a, 2002.